

A importância das histórias de vida na formação e no desenvolvimento da sustentabilidade na moda.

Patrícia Aparecida de Almeida Spaine (UTFPR-AP, FAAC-UNESP)

Nélio Pinheiro (UTFPR-AP)

Introdução

Todas as reflexões e propostas de trabalho que unem o design, os processos de criação de moda e a sustentabilidade passam, necessariamente, por uma dimensão reflexiva sobre as condições de vida a que se chegou, na atualidade. As mudanças mais recentes em relação às formas de vida, que são marcadas por um consumismo exacerbado, fruto do sistema de produção capitalista, contribuíram decisivamente para que se chegasse a situações alarmantes em relação ao meio ambiente.

A civilização humana estabeleceu, historicamente, uma relação com a natureza que parecia indicar que os recursos naturais são infinitos. As mudanças climáticas, as grandes catástrofes naturais e os processos de produção industrial, porém, mostraram que a natureza tem seus limites, e que é preciso mudar os paradigmas para preservar a vida e as condições de habitabilidade do planeta.

O artigo aponta o quanto se faz necessário considerar as trajetórias pessoais e profissionais na formação do designer, assim como, é imprescindível que se atente para o desenvolvimento de produtos de moda vinculados à sustentabilidade, de uma maneira mais ampla, e não somente pelo reuso de retrazos têxteis, mas que abrange as dimensões sociais, econômicas, ecológicas e culturais.

Assim o objetivo do estudo foi identificar os impactos da formação sobre a compreensão dos processos de criação em moda, em consonância com os pressupostos teóricos e práticos da sustentabilidade, que os designers recém-formados e em formação vão construindo.

Para fundamentar este estudo foi realizada pesquisa bibliográfica sobre: O pesquisador e sua trajetória: Entre criar design e ensinar design - considerando os

10.4025/6cih.pphuem.512

seguintes autores: (NÓVOA, 1992) (JUSTINO, 2012); Processos criativos, moda e sustentabilidade (MARTINS, 2008); Por um design sustentável (MANZINI, 2005).

Apresentou-se o pesquisador e sua trajetória, com o objetivo de evidenciar as inter-relações existentes entre os modos de criação e ensino em design, com ênfase na importância das histórias de vida, nas quais se entrecruzam os aspectos pessoais e profissionais.

Os procedimentos metodológicos para a realização deste trabalho concentraram-se em uma pesquisa qualitativa, que teve como objetivo a compreensão dos significados e das características presentes nas ações de formação superior, em design de moda, atreladas a questões que envolvem moda e sustentabilidade.

Esta pesquisa analisou o processo de formação em design e os modos como essa formação se atrela à sustentabilidade e a moda, detectou-se a importância que assumem, no processo formativo, as histórias de vida, ou seja, as marcas que cada sujeito traz consigo.

Assim, concluiu-se que tanto na empresa, na criação, na pesquisa como na formação de designers, é fundamental que se atente para o lugar onde se professa o ofício de educador, pois ele pode ser decisivo, tanto para a criação de moda quanto para a própria vida e para a sustentabilidade.

O pesquisador e sua trajetória: entre criar design e ensinar design.

Esta investigação guarda estreita relação com o universo pessoal e profissional dos pesquisadores do presente trabalho, uma vez, que as atividades profissionais e o sentido de criação de produtos de moda, aqui investigados, são marcas da trajetória construída no campo do design pelos autores.

Nesse sentido, ao aproximar-se da metodologia das histórias de vida faz ver o quanto do universo pessoal, marcas, jeitos, posicionamentos são levados para a vida profissional.

O autor dessa pesquisa, a partir de 1986, cria uma empresa valendo-se da marca

10.4025/6cih.pphuem.512

fantasia *Overloque*, inicia um trabalho de desenvolvimento de produtos de moda, nos segmentos masculino e feminino, cuja criação tomou como base materiais disponíveis no mercado, mas que tinham perdido sua função primeira, ou seja, que eram considerados de “segunda linha” e podiam ser comprados em fardos, no atacado, como resto de peças, sobras de cortes de grandes confecções e tecidos com pequenos defeitos de fabricação.

Para a elaboração das peças, esses materiais foram trabalhados com técnicas artesanais, o que acabou por destacá-las como produtos diferenciados ou inventivos, pois se serviam de materiais alternativos como toalhas de mesa e de banho, cetins estampados no forro, tecidos de cortina e retalhos, entre outros. Entre as técnicas artesanais estavam: bordados manuais, tricô, crochê, macramê e *patchwork*. As técnicas e os materiais utilizados acabavam por distinguir e destacar os produtos no mercado, assim como diferenciavam o público que os consumiam.

A formação profissional e acadêmica levou-me a lecionar na Universidade nas disciplinas de Teoria e Prática da Criatividade I, II e III, Pesquisa e Criação de Moda, História da Indumentária e Caracterização de Personagens, no curso de artes cênicas, e, inevitavelmente, começou a associar a prática à teoria. As ações que aprimorei no desenvolvimento de produtos, estiveram sempre em sintonia com a idéia de um design sustentável.

Continuando a atuação dentro da academia ao ministrar a disciplina de Ecodesign, em que os alunos desenvolvem projetos que abordam o ciclo de vida sistema-produtivo desde a escolha dos materiais até os efeitos ambientais de seu descarte, e propõem a elaboração de produtos com características sustentáveis. Nessa Instituição, foi possível aprofundar o estudo e o ensino relativo ao ecodesign, ao design sustentável e à sustentabilidade propriamente dita.

Os permanentes contatos com professores, estagiários e outros profissionais que, direta ou indiretamente, participaram dos projetos desenvolvidos, muito contribuíram para reforçar a perspectiva de união entre a pesquisa, o ensino, a extensão à comunidade e a produção sustentável de peças de vestuário.

10.4025/6cih.pphuem.512

As experiências, no âmbito do ensino, da empresa e da extensão, foram criando um sentido e modos próprios de pensar e desenvolver produtos de moda. Em todos os produtos, percebe-se a existência de uma preocupação com a reutilização de traços têxteis, o que acabou por definir muitas ações que foram sendo empreendidas ao longo do tempo e por configurar as trajetórias.

Neste sentido, como aponta Nóvoa (1992), “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”. Nesse processo de reflexão sobre o percurso de vida, o indivíduo manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações no plano pessoal e coletivo, em busca de significados para a construção de sua identidade profissional. O método autobiográfico possibilita, assim, que o docente, por meio do relato de sua história de vida, perceba seus anseios e expectativas em relação à docência e à própria vida, pois, conforme Nóvoa (1992, p.7), o “aprender se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

Processos criativos, moda e sustentabilidade.

A preocupação com o desenvolvimento de uma moda mais ética e sustentável, segundo Lima (2008), tem suas raízes na primeira metade do século XX, nos movimentos da agricultura orgânica e suas várias correntes minoritárias. Inúmeras intersecções entre moda, sustentabilidade e processos de criação, no Brasil e no exterior, a partir de então, veem sendo desenvolvidas e têm apresentado um retorno positivo para marcas ou lojas-conceito (flagships). São ações pontuais que indicam, sobremaneira, o quanto ainda falta para que sejam desenvolvidos, efetivamente, processos 100% ecossustentáveis. Para Walker:

Ao abraçamos as técnicas de cooperação e consulta, não podemos nos esquecer de outra faceta, de importância crítica, nos estudos criativos. Esta abordagem mais solitária, contemplativa, é removida das pressões do dia-a-dia, das particularidades das necessidades dos usuários, e das mais mundanas “practicalidades” do “mundo real”. Há uma necessidade de pensarmos profundamente sobre a natureza dos objetos e suas relações potenciais com as pessoas e o meio ambiente. Quando nos engajamos, enquanto indivíduo, nesse tipo de contemplação pessoal durante a prática

10.4025/6cih.pphuem.512

criativa do design, então, novas compreensões acerca dos objetos funcionais podem estar mais próximas. Isso requer tempo, silêncio e solicitude. Do mesmo modo que o ato de criação artística, esta é uma forma de design que requer e compromete completamente a essência do designer. É através de tal comprometimento que, de acordo com Buber, nós podemos ter a esperança de realizar uma “relação com” as coisas ao invés de meramente termos uma “experiência das coisas”. (WALKER, 2005, p. 57)

Neste sentido, foram selecionados alguns exemplos de designers, empresas, projetos e trabalhos de conclusão de curso que tratam da temática sustentabilidade e moda.

Sensibilidade, artesanato e criatividade compõem o fio condutor que move o trabalho de Mary Figueiredo Arantes, designer mineira de acessórios, que faz moda com atitude e acredita na criação entrelaçada a sentimentos. Há mais de 30 anos, Mary dedica-se à produção de acessórios marcados por uso e técnicas artesanais com base em materiais diversos, tais como: tecidos, fitas, fios, contas, pedras e miçangas. Desde o início, a designer optou por fazer um caminho inverso ao tradicional em suas criações, ou seja, ao invés de utilizar processos industriais e produção rápida, optou por confeccionar peças diferenciadas e sofisticadas que demandam várias horas para sua produção.



Figura 1 – Acessórios Mary Design – Minas Trend Preview - Inverno 2012

10.4025/6cih.pphuem.512

A designer mineira embute, em suas criações, histórias da infância, vividas no vale do Jequitinhonha, e suas relações com as sobras e os retalhos advindos da profissão de alfaiate exercida por seu pai. Seus brinquedos eram os retalhos descartados pelo pai, o que deu origem à sua história com acessórios de moda. Segundo Arantes:

Desde que existo que acredito no feito à mão. O que o homem faz me emociona. Sempre disse que devemos preservar estas “mudinhas” de pessoas maravilhosas, cujas filhas, muitas vezes, não querem mais fazer o ofício da mãe, principalmente quando ele não é valorizado. O customizado nunca esteve tão na moda e o fato é que o artesanal é sempre exclusivo e dá a cada um a grande oportunidade de ser ele mesmo (ARANTES, 2012).

Pode-se perceber, no trabalho desta designer, a importância de se associar formas de manifestação cultural oxigenadas por inovações, moda e design (MEDEIROS 2012).

De acordo com Martins e Sampaio (2008), o ecodesign é um processo metodológico para o desenvolvimento de produtos que incorpora princípios ambientais e ferramentas como a análise do ciclo de vida dos mesmos (ACV). Ecodesign não é produção artesanal, substituição de materiais, alteração de processo produtivo ou mera utilização de princípios ecológicos no design. Não é ecologia, reciclabilidade, nem reutilização, mas um processo metodológico que visa à correta extração, produção, consumo e descarte de bens materiais. Ecodesign é uma metodologia que propõe uma visão global do produto ou bem de consumo.

Han Breezer (1996 apud MARTINS e SAMPAIO, 2008, p.2) assinala que vários fatores compõem os processos industriais do ecodesign, tais como: o conceito de projeto de produto; o projeto piloto de produto; a escolha de materiais de baixo impacto; o melhor aproveitamento e uso de técnicas de produção; a distribuição eficiente dos produtos; a redução do impacto ambiental; a otimização do tempo de vida do produto; e a finalização de seu ciclo de vida útil.

A disciplina Ecodesign é uma disciplina ofertada na UTFPR no 5 período do curso de Tecnologia em Design de Moda e seu desenvolvimento se dá por meio de várias

10.4025/6cih.pphuem.512

ações voltadas para a fundamentação e compreensão de questões mais amplas associadas à sustentabilidade. O intuito destas ações é levar o estudante enxergar a importância do desenvolvimento de produtos de moda atrelado a este contexto. Nas primeiras aulas, vários filmes educativos que abordam e questionam a atual situação do planeta e os efeitos causados pela industrialização são apresentados aos alunos. A discussão de assuntos que dizem respeito às condições mais amplas do planeta e aos modos de viver, habitar e consumir tem como objetivo alertar os alunos sobre o fato de que a moda guarda uma relação direta com essas questões.

Percebe-se, no início, que parte dos alunos não se interessa ou não conseguem estabelecer relação entre os assuntos mais amplos, pois os recortes trazidos para discussão, geralmente, são os mesmos sugeridos como temática para os seminários no que diz respeito ao universo da moda. No decorrer dos encontros, porém, percebe-se uma mudança de postura, pois eles passam a se interessar, cada vez mais, pelos temas e a fazer inter-relações entre modos de viver, consumir e produzir moda. Assim, acabam por formar um pensamento e uma opinião próprias e por transformar estes conceitos em práticas, em produtos de moda, unindo, desse modo, no processo de formação, teoria e prática.

No decorrer da entrevista, Rafael fala da influência da formação na escolha da temática de seu trabalho de Conclusão de curso:

A sustentabilidade e o Ecodesign me chamaram muito mesmo a minha atenção e até foi o fato de ter trabalhando o TCC com isso [...] (Kobe, 2012)

Me chamou a atenção de fazer um trabalho de conclusão de curso nesta área. Com certeza me despertou uma paixão pela disciplina. Uma coisa dentro da minha formação que poderia ser benéfico tanto as pessoas e também a natureza. (Kobe, 2012)

Eu gosto de coisa mais palpável, e coisas que seriam mais aplicáveis, essa influência do curso e principalmente do estágio. O tornar prático e usual, o meu conhecimento influenciou muito em explorar esse tema na minha conclusão. Vamos tentar juntar todas as disciplinas numa questão interdisciplinar em benefício ao próximo isso se tornou sim a disciplina, aquilo que eu tinha presenciado no estágio. (Kobe, 2012).

Nesse processo de reflexão sobre o percurso de vida, o indivíduo manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações no plano pessoal e coletivo, em busca de significados para a construção de sua identidade profissional.

Por um design sustentável

Este capítulo tem como objetivo traçar uma breve trajetória dos resíduos e suas possíveis articulações com a sustentabilidade e o design. Essa trajetória compreende várias maneiras de descarte, pois, desde os primórdios da civilização, comunidades e tribos estabeleceram-se em lugarejos e ali assentaram suas moradias, a partir das trilhas realizadas por animais. O homem pré-histórico, por exemplo, alimentava-se e jogava o resto da comida no mesmo lugar em que fazia a sua refeição e tais resíduos decompunham-se naturalmente. No decorrer da própria história da humanidade há registros que os primeiros depósitos de lixo surgiram durante o período greco-romano. Em Atenas, o lixo era depositado fora da cidade, e na periferia de Roma, foram instaladas fossas para os habitantes descartá-lo.

A primeira empresa especializada em tratamento de resíduos surgiu na França, em 1896; os empregados encarregados pela coleta recolhiam trapos, latas, papéis e metais que passavam por um processo de seleção, onde eram separados os materiais orgânicos, que eram processados e transformados em adubo para ser usado na agricultura. O restante era queimado e transformado em energia, em forma de vapor ou de eletricidade (PELTIER e SAPORTA, 2009 p.13).

Segundo esses autores, o desenvolvimento de novos produtos a partir de materiais usados e descartados não é prática recente. Há relatos históricos de reciclagem desde a Idade do Bronze, quando já eram conhecidas técnicas de fundição de objetos de metal usados. A reciclagem das roupas usadas teve origem na França, onde o brechó se tornou um local frequentado pelo grande público; as fibras dos tecidos eram reutilizadas nas indústrias de tecelagem.

Durante a Segunda Guerra mundial, houve um grande crescimento na utilização e reciclagem de produtos usados devido à escassez de roupas novas, pois as indústrias estavam envolvidas na elaboração de produtos para a guerra e, desse

10.4025/6cih.pphuem.512

modo, não conseguiam atender as demandas de consumo de outros itens, o que propiciou, naquele período, o desenvolvimento do conceito do “faça você mesmo” - Do it yourself –DIY (Veillon 2004).

No século XX, mais especificamente, na década de 70, apesar da reciclagem já estar em voga, há um despertar da consciência ecológica no mundo. De acordo com Peltier e Saporta (2009), pela primeira vez, os problemas de degradação do meio ambiente provocados pelo crescimento econômico são percebidos como um problema global, que supera amplamente diversas questões pontuais que eram arroladas, já nas décadas de 50 e 60, pelas agências estatais de meio ambiente dos países denominados de Primeiro Mundo.

Nos anos de 1980, nasceu o Movimento Verde - o primeiro a colocar questões sobre o meio ambiente, tais como o desperdício e os produtos desenvolvidos pelo homem, além de questionar os danos causados ao planeta pelo descarte dos resíduos gerado pela sociedade. Os resíduos têxteis podem ser reutilizados ou reciclados quase que em sua totalidade, desde que não sofram contaminações durante o processo fabril. (CNTL, 2009).

Pensar o produto de moda, hoje, exige que se tenha consciência de que se vive em outros tempos, tempos estes em que se torna necessária a conscientização de que os recursos naturais não são inesgotáveis. Os processos de industrialização e os usos e abusos dos recursos naturais, de forma desordenada, despertaram o desenvolvimento de novas maneiras de produzir, descartar, reutilizar e consumir produtos.

A indústria têxtil e a criação de produtos de moda não poderiam permanecer alheias às necessidades prementes de preservação do meio ambiente e à criação de produtos que apresentem a dimensão da sustentabilidade embutida em seus processos.

Para Manzini e Vezzoli (2005), a passagem rumo à sustentabilidade somente ocorrerá quando houver aprendizagem social, ou seja, quando o consumo buscar a preservação consciente dos recursos naturais e não a extração ilimitada destes. Os

autores vão além, ao proporem que a regeneração de biomas deve ser uma prerrogativa inalienável que deve estar pautada em cada contexto onde exista o homem, pois:

O conceito de sustentabilidade ambiental refere-se às condições sistêmicas segundo as quais, em nível regional e planetário, as atividades humanas não devem interferir nos ciclos naturais em que se baseiam tudo o que a resiliência do planeta permite e, ao mesmo tempo, não devem empobrecer seu capital natural, que será transmitido às gerações futuras (MANZINI, VEZZOLI, 2005, p. 27).

Manzini e Vezzoli (2005) sugerem que o ideal é produzir com o mínimo possível de resíduos e que o excedente destes possa ser destinado a outra indústria, o que se fundamenta no conceito econômico das cooperativas, ou seja, é preciso “fechar o círculo dos materiais”. Os sistemas econômicos e industriais devem sugerir simbioses que favoreçam uma estratégia do design, mas, para que isso ocorra, é preciso haver articulação entre os atores implicados no processo: governos e iniciativas privadas devem estar coordenados. O cuidado e a preservação dos recursos naturais bem como o seu uso de maneira sustentável, de modo a não interferir nos ciclos naturais, dependem, sobretudo, da educação e da formação dos profissionais da área. Nesse sentido, Cunico e Kazazian assinalam que:

O ritmo acelerado de geração de poluição e consumos dos recursos já escassos deve ser uma problemática de todos independentes (sic) de sua nacionalidade, ocupação ou crenças. Deve-se, portanto, incentivar a tomada de ações que tragam resultados palpáveis, que permitam o progresso econômico, o aprimoramento da qualidade de vida das pessoas, sem prejudicar as futuras gerações (CUNICO e KAZAZIAN. 2008, p.88).

Estudos como os de Manzini, Vezzoli (2005) e de Cunico e Kazazian (2008) evidenciam o quanto o planeta e a vida que nele habita necessitam de outras formas de consumo e de organização, para que se possa não só preservar aquilo que existe como bem natural, mas também restituir, de alguma forma, recursos há muito degradados na natureza.

10.4025/6cih.pphuem.512

Com o objetivo de planejar e alcançar o crescimento e o desenvolvimento econômico e social sem prejudicar os equilíbrios ecológicos Sachs (1993, p.25) propõe cinco aspectos a serem considerados:

- **Sustentabilidade social:** melhor distribuição de renda e oportunidades com intuito de minimizar as diferenças sociais;
- **Sustentabilidade econômica:** gerir de forma correta e consciente os recursos e investimentos públicos e privados;
- **Sustentabilidade ecológica:** formas criativas de uso dos recursos naturais que causem o menor impacto possível aos ecossistemas;
- **Sustentabilidade espacial:** equilibrar a ocupação humana nas áreas rural e urbana, com distribuição territorial e atividades econômicas justas;
- **Sustentabilidade cultural:** respeito e estímulo dos valores culturais de cada população local assim como cada ecossistema, possibilitando a implantação de políticas de desenvolvimento. (Sachs 1993, p.27)

As idéias, reflexões e encaminhamentos apontados acima são importantes para que se possa pensar em como criar e desenvolver produtos através de projetos cujos processos e métodos incorporem a dimensão da sustentabilidade. Esses conceitos e propostas são fundamentais para a construção do pensamento e para a conscientização dos envolvidos no desenvolvimento de projetos e de produtos que utilizem resíduos gerados pelas indústrias da moda.

Experiência Docente na Formação superior do Design de Moda.

Estabelecer um processo de criação de produtos de moda atrelados à dimensão da sustentabilidade não é algo que se dá de maneira isolada, independente. Pensar em produtos que resguardem respeito à natureza, cujos processos de produção sejam socialmente possíveis, requer das empresas não somente investimentos, mas também a contratação de designers comprometidos em atuar, criar e assim disseminar produtos diferenciados que tenham a sustentabilidade enquanto

compromisso.

Profissionais com o perfil esperado para a realização desse tipo de trabalho, necessariamente, devem passar por um processo de formação, pois a atuação profissional, seja ela de qual área for, depende das crenças e valores que o indivíduo traz consigo. Embora se saiba que essa formação não se dá somente quando o estudante adentra na universidade, é evidente que a vivência nos estágios e o contato com outras áreas do conhecimento, propiciado na graduação, são importantes e, muitas vezes, determinantes, para a formação de concepções, crenças e modos de atuação. O contato com professores, colegas, aulas, ateliers e congressos coloca o aluno num universo propício e estimulante à sua formação, o que acaba por configurar sua identidade profissional.

Essa formação de identidade do profissional da moda confere aos designers/professores a grande responsabilidade de buscar metodologias próprias para a formação dos estudantes. Conforme Flori e Tourinho (2010), “a docência necessita ser renovada constantemente e a moda, como campo transdisciplinar, instiga e desafia a busca por outras maneiras de pensar e interpretar as formas como ensinamos/aprendemos e como desejamos que outros aprendam/ensinem.[...].

Essas novas maneiras de ensinar e aprender estão atreladas a um saber fazer criador muito ligado a um saber fazer/pensar que são indissociáveis. É um saber fazer não puramente técnico, que obedece a regras, mas um saber fazer que compreende a dimensão social e o público com suas necessidades. Assim, quando se trata da formação de um design comprometido com a sustentabilidade e com questões mais amplas, não se pode pensar a formação no sentido de uma racionalidade técnica simplesmente, que dicotomiza os espaços formativos de atuação e que separa a teoria da prática.

Estas ideias e concepções vêm de encontro ao que considero como fundamental para a formação do designer de moda: uma formação calcada num saber/fazer/pensar que se dá nas muitas instâncias e relações que a universidade

10.4025/6cih.pphuem.512

oferece e mantém com a pesquisa, ensino extensão e com as questões da indústria e das parcerias, sem perder de vista o comprometimento de uma atuação no mercado, onde novos designers estarão comprometidos com a sustentabilidade, isto é, com a criação de produtos de moda que resguardam essas condições e preocupações.

De acordo com NÓVOA (1992), paradoxalmente, a profissionalização do ensino, nessa área, se deu a partir do saber experiencial, o que Anthony Giddens (1991) denominou como “confiscação da experiência”. Assim, é fundamental que os professores se apropriem dos saberes de que são portadores e os trabalhem do ponto de vista teórico e conceitual (Courtois e Pineua, 1991). Para Nóvoa (1992, p.17) a “maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa e quando exercemos o ensino.”

Considerações Finais

No decorrer desta investigação, que analisou o processo de formação em *design* e os modos como essa formação se atrela à sustentabilidade, detectou-se a importância que assumem, no processo formativo, as histórias de vida, ou seja, as marcas que cada sujeito traz consigo. Ao revisitar minha própria trajetória pessoal e profissional, ancorado na metodologia das histórias de vida, pude verificar o quanto as experiências já vivenciadas por mim influenciaram minha maneira de pensar e criar produtos de moda atrelados à sustentabilidade.

Buscar embasamento teórico para revisitar o meu próprio percurso, foi muito importante, pois delicado caminho é este de rever a própria prática. Ainda que tenha procurado me distanciar do objeto de pesquisa e olhar para os fatos ocorridos de uma maneira mais neutra, em muitos momentos, foi impossível separar o objeto de pesquisa do pesquisador. Ao redescobrir os conhecimentos e as sabedorias

10.4025/6cih.pphuem.512

tradicionais (artesanatos) e incorporá-los à tecnologia, constatei que todas estas trajetórias incidem no meu jeito de ser docente e na maneira como penso e ensino o *design*.

Ainda com relação às histórias de vida, pude perceber, pelos dados colhidos na entrevista realizada com Rafael Kobe, o quanto ele também já trazia sua historia familiar acoplada com um pensamento e a uma atitude ligada à dimensão sustentável, de uma forma mais ampla.

Assim, a investigação sinaliza que a formação acadêmica e profissional deve considerar, em seus processos, as distintas histórias trazidas pelos estudantes para dentro da academia, pois elas podem indicar caminhos a serem explorados, não só na dimensão do conhecimento, mas, também, no modo de ensinar e aprender *design*.

Ao considerar as histórias trazidas tanto pelo docente que ensina *design* como pelos estudantes, que trazem, em sua bagagem cultural, traços que podem ser incorporados na criação de produtos de moda, desta forma, a universidade passa a ser um dos importantes lugares de formação, mas não o único.

Outro ponto apontado pela pesquisa é o fato da disciplina de *ecodesign*, ofertada no Curso de Tecnologia em *Design* de Moda, oportunizar a formação de *designers* de moda conscientes dos problemas ecológicos, por meio da disponibilização de informações e conhecimentos que dizem respeito ao ciclo de vida dos produtos e aos sistemas de produção, de modo a enfatizar a importância da economia na utilização dos recursos, na escolha de processos de baixo impacto ambiental e na identificação de causas e efeitos de problemas ambientais na atividade projetual. Com base nas teorias e práticas pesquisadas nesta dissertação, constatou-se que a questão da sustentabilidade não passa somente pelas praticas da reciclagem, do reaproveitamento, da customização, mas exige uma conscientização sobre outros modos de viver, de pensar e de habitar o mundo.

Referências Bibliográficas

CNTL – Centro Nacional de Tecnologias Limpas. Produção mais limpa em confecções.

JUSTINO, Flori Rogério. Semeando Modos de Ensino e Aprendizagem de Moda. Goiânia, 2012.

KAZAZIAN, & (org). *Design* e desenvolvimento sustentável: Haverá a idade das coisas leves. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

KOBE, Rafael Ossamu; GONÇALVES, Rosimara. Como minimizar o descarte de aparas de malhas, nos cortes industriais da cidade de Apucarana? - UTFPR - Apucarana 2009.

KOBE, Rafael Ossamu;, Entrevista 15-05-2012. Entrevista concedida a Nélio Pinheiro.

LIMA, Pedro Jorge Bezerra Ferreira. Algodão agroecológico no comércio justo; fazendo a diferença. *Agriculturas*, v.5,n.2,jun.2008.

MANZINI, Ezio. *Design* para a inovação social e sustentabilidade: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. São Paulo: Edusp, 2005.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. O Desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTINS, Suzana Barreto; SAMPAIO, Cláudio Pereira. *Ecodesign* e *Design* sustentável: proposta de um método para um workshop. Curitiba, 2008.

MARTINS, Suzana Barreto, Entrevista .13-09-2012. Entrevista concedida a Nélio Pinheiro.

MEDEIROS, Raquel. <http://www.nasentrelinhas.com.br/noticias/pano-pra-manga/202/a-sustentavel-leveza-da-moda> Acessado em : 01-09-2012.

NÓVOA, António et al. *Vidas de Professores*. 2. Ed. Portugal: Porto Editora, 1992.

10.4025/6cih.pphuem.512

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. *Arquitetura da Criação Docente: A Aula Como Ato Criador*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. (Tese de Doutorado).

PELTIER, Fabrice. SAPORTA, Henri. *Design Sustentável: caminhos virtuosos*. Tradução: Marcelo Gomes. São Paulo; Editora SENAC São Paulo, 2009.

SACHS, Ignacy. *Estratégias de Transição para do século XXI: Desenvolvimento e Meio Ambiente*.

WALKER, Stuart. *Desmascarando o objeto: Reestruturando o design para sustentabilidade*. 2005. Revista *Design em foco*. julho-dezembro, ano/vol. II, numero 002 – Universidade do Estado da Bahia Salvador, Brasil PP.47-62.